

Benjamin e Fanon: experiência e descolonização

Amilcar Alexandre Oliveira da Rosa¹, UFPel

Resumo

Neste artigo, analiso alguns aspectos dos pensamentos de Walter Benjamin e de Frantz Fanon e as possíveis interlocuções entre ambos a partir da noção de experiência. Para Benjamin, os oprimidos têm que se libertar das experiências que produzem um “estado de exceção”, que na verdade é a regra das relações entre opressores e oprimidos, em desfavor destes. Para Fanon, não há como libertar-se da experiência dos corpos e das mentes negras, porque é da própria experiência destes que brotará a consciência ontológica do ser negro, de onde começará a ser construída a superação da condição de oprimido. Em ambos, é a condição humana que está em questão, uma condição analisada à luz da descolonização dos corpos e mentes negros em Fanon.

Palavras-chave: Descolonização, Experiência, Walter Benjamin, Frantz Fanon.

Abstract

In this paper, I analyze some aspects of Walter Benjamin and Frantz Fanon's thoughts and the possible interlocutions between both from the notion of experience. For Benjamin, the oppressed have to free themselves from experiences that produce a “state of exception” which, seen as such is, in fact, the rule of relations between oppressors and oppressed, to the detriment of the latter. For Fanon, there is no way to free oneself from the experience of black bodies and minds, because it is from the very experience of the black being that the ontological consciousness of the black being will emerge, from where the overcoming of the oppressed condition will begin to be built. In both, it is the human condition that is in question, a condition analyzed in the light of the decolonization of black bodies and minds according to Fanon.

Keywords: Decolonization, Experience, Walter Benjamin, Frantz Fanon.

Introdução

Quantos autores, próximos nas ideias e nas épocas, não souberam de sua existência comum, a ponto de, lendo-se, compartilharem a crítica às posições conservadoras de que foram contemporâneos? Não que isso fosse necessário. Se considerarmos o “espírito do tempo”, ou o tempo histórico, podemos acreditar que o mundo estava pronto para o surgimento deste ou daquele pensamento, que engendrou esta ou aquela ação, e que o encontro entre seus autores se daria em outro plano, não no material, mas no “espiritual”.

Talvez se possa dizer que ocorreu algo parecido com Walter Benjamin (1892-1940), na Berlim e na Paris efervescentes do final do século XIX, início do século XX, e Frantz Fanon (1925-1961), na Martinica então sob domínio francês, e depois na Europa e na África, nas guerras anticoloniais. Quando Fanon nasceu, Benjamin recém completara 33 anos.

¹ Jornalista, mestrando no PPGH/UFPel.

Quando Benjamin morreu, Fanon completara 15 anos. A mesma guerra que vitimou Benjamin, em 1940, aos 48 anos, teve a participação do jovem Fanon em suas fileiras, quatro anos depois, aos 19 anos.

Todas essas seriam apenas curiosidades históricas não fossem esses dois pensadores marxistas situados em ambientes distintos, mas com reflexões com vários pontos em comum, muitas delas derivadas de uma mesma vertente teórica. Sendo a principal, a crítica aos teóricos do capitalismo, mesmo em suas correntes liberal-democráticas, e do marxismo ortodoxo como forma de dar impulso à luta dos oprimidos contra os opressores, em todos os tempos.

A denominação “oprimidos”, aliás, não pode ser usada como mera referência teórica. Ela é intencional e distintiva da opção feita por ambos pensadores, que se colocam em um lugar em que não cabe mais a simples oposição entre burguesia e proletariado, mas o compromisso com a diversidade que a humanidade representa. Não se trata apenas de uma opção conceitual, mas de uma tomada de posição em defesa de todas as pessoas exploradas, oprimidas, humilhadas, em todos os tempos. Se Benjamin falava do centro irradiador do capitalismo no mundo, Fanon falava a partir da periferia. Sua participação no conflito armado que se desencadeou na Europa e, posteriormente, sua atuação na guerra de libertação da Argélia, na África, permitiu que sua crítica ao sistema capitalista englobasse elementos de que Benjamin não se ocupou diretamente, como a questão racial e os efeitos da exploração capitalista, pelas economias centrais, nas mentes e corpos dos habitantes das economias periféricas.

Este artigo analisará alguns aspectos dos pensamentos de Benjamin e Fanon e as possíveis interlocuções entre ambos a partir da noção de experiência. Mesmo com diferenças de abordagem, é a compreensão do conceito a partir do reflexo na condição humana que está em questão. O moderno Benjamin, em sua crítica à Modernidade, vê o homem às voltas com o desejo de sonhar como forma de compensação “da tristeza e do desânimo dos dias, (...) [das pessoas] cansadas das infinitas complicações da vida cotidiana” (BENJAMIN, 2016, p. 90). Como consequência, um “desejo de libertar-se de todas as experiências”.

Mas as experiências de que os oprimidos terão de se libertar são as que produzem um “estado de exceção” que, visto como tal, na verdade é a regra das relações entre opressores e oprimidos, em desfavor destes. Somente ao tomarem consciência de sua condição, segundo Benjamin, os oprimidos poderão romper com esse estado, tornando-se “a classe vingadora

que levará às últimas consequências a obra de libertação em nome de gerações de vencidos” (BENJAMIN, 2016, p. 16).

A experiência dos corpos e das mentes negras será o objeto de Fanon. Não há como libertar-se *dessa* experiência, porque é da própria experiência do ser negro que brotará a consciência ontológica do *ser negro*, de onde começará a ser construída a superação da condição de oprimido: “Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro” (FANON, 2008, p. 103). Ele não desconhece a existência do “ser-para-o-outro” de que fala Hegel, mas assinala: “[...] qualquer ontologia se torna irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada” (FANON, 2008, p. 103).

O negro diante do outro – do branco colonizador – não poderá colocar-se diante do espelho, ver-se diante dele, na imagem ontológica que o branco forçosamente veria não fosse o negro considerado um objeto, uma coisa cuja experiência foi reduzida a escombros, tendo como uma das causas principais a consolidação de um sistema que se edificou pela distinção entre classes e raças.

Os elementos distintivos do pensamento de ambos, o *locus* de onde falam, ao contrário de limitarem uma aproximação, contribuem para uma leitura das contradições que empurram o mundo para a barbárie ainda e cada vez mais na atualidade, a despeito dos avanços propiciados pela ciência e mesmo as conquistas representadas pelos direitos humanos, principalmente pós-Segunda Guerra, para citar um evento importante na vida dos dois autores. São esses os elementos que abordarei neste artigo. Mais do que estabelecer limites a uma ou outra interpretação da realidade, é à complementaridade dos pensamentos de ambos que pretendo aludir.

Benjamin e a pobreza da experiência

Há uma tradição segundo a qual os oprimidos estão por trás dos elementos da cultura, sem que seu mérito seja reconhecido. Esta tradição deveria falar por si, apontando os caminhos para sua superação. Diz Benjamin: “Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie” (BENJAMIN, 2016, p. 13).

Apesar de sua condição permanente, este verdadeiro “estado de exceção” de barbárie, de destruição e decadência não tem servido como elemento motivador para despertar a consciência das classes oprimidas. Uma explicação, apresentada por Benjamin no texto *Experiência e pobreza* (1933), alude à “nova forma de miséria que surge com esse

monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (BENJAMIN, 1993, p. 115).

A experiência empobrecida pelo advento da técnica e pela crença no progresso irrefreável estaria na base da incapacidade de então (primeira metade do século XX) de superar as contradições do momento histórico que levou à Segunda Guerra. Este evento teria colocado ainda mais em evidência, pelo paradoxo, o mutismo dos soldados e a incapacidade de relatar as experiências pessoais desta que foi a experiência das experiências, produto das inovações técnicas e de um sistema cujas contradições teriam chegado ao limite.

Nas *Teses sobre a história* (1940), a crença na técnica e no progresso também serão alvos do autor, que pouco antes de morrer continuará a vê-los como obstáculos à compreensão crítica do caminho que o materialismo histórico aponta para a superação da tradição que divide a humanidade entre opressores e oprimidos.

Mas apenas a compreensão crítica não basta. É preciso lembrar os sofrimentos dos antepassados, submetidos à opressão histórica, e agir para que esta não mais se repita. É o que lembra Löwy, ao comentar a Tese II de Benjamin:

A redenção messiânica/revolucionária é uma tarefa que nos foi atribuída pelas gerações passadas. Não há um Messias enviado do céu: somos nós o Messias, cada geração possui uma parcela de poder messiânico e deve se esforçar para exercê-la. (LÖWY, 2005, p. 51).

Esta não é apenas uma missão ou tarefa, mas uma exigência das gerações passadas. Somente assim *todas* as vítimas do passado serão salvas. Isto é importante, para a finalidade deste artigo, porque mostra que a distinção feita por Benjamin sobre quem mereceria ser salvo opera sim no âmbito da luta de classes, mas na oposição entre oprimidos e opressores, e não apenas em uma distinção de ordem econômica “formal” entre burguesia e proletariado, como categorias que a tudo englobariam.

Essa distinção o aproximará das preocupações de Fanon que, mesmo à primeira vista atendo-se exclusivamente aos efeitos da escravização e colonização para a população negra, não desconhecerá também o outro, o branco que integra a outra face da relação opressiva, e cuja compreensão limitada também deverá ser afetada para que a contradição chegue a termo. Fanon também não desconhecerá o fator da luta de classes, porque contextualiza a experiência negra dentro de um sistema de exploração econômica que levou à criação das categorias de colonizador/colonizado, branco/negro, sujeito/objeto, e à consolidação das categorias senhor/escravo.

Mais do que à *Erfahrung*, ou “experiência forte” em Benjamin, expressão que é o centro de muitas das análises de sua obra, e que refere à experiência que se perdeu com o advento da técnica e da “nova barbárie que atinge a toda humanidade” (BENJAMIN. 2016. p. 115), interessa aqui um outro conceito, introduzido pelo autor nas “Teses sobre a história”, a *Einfühlung*, empatia ou identificação afetiva. No caso, identificação dos historicistas da história oficial aos vencedores, que na guerra de classes não cessaram de vencer os oprimidos (LÖWY. 2005, p. 71).

Para Benjamin, a experiência de identificação tem de ser outra. Para “escovar a história a contrapelo”, como propôs, a partir das *Considerações Intempestivas* de Nietzsche, publicadas em 1876, será necessário recusar-se a se juntar ao cortejo triunfal dos vencedores. Mas a experiência dos vencidos não será diferente da dos antepassados oprimidos apenas pela recusa. É preciso assumir uma postura ativa, lutar contra a corrente, ver a história do ponto de vista dos vencidos, assumir um lugar na luta de classes, e então engajar-se decididamente na verdadeira *revolução*.

Fanon e a experiência vivida

Enquanto o judeu Benjamin viveu o avanço do fascismo na Europa, até sucumbir diante dele, Frantz Fanon analisou uma experiência imersa no mesmo caldo opressor que provocou o suicídio de seu contemporâneo. Quis o destino que os desdobramentos da Segunda Guerra permitissem a Fanon a análise do processo colonial e suas consequências para o povo negro, participando ativamente daquilo que Benjamin anteviu como solução para virar a balança histórica em favor dos oprimidos: a revolução. A atuação de Fanon na guerra de libertação da Argélia, e mesmo antes, na Segunda Guerra, permitiu ao filósofo e psiquiatra martinicano a elaboração de reflexões sobre a dominação de mentes e corpos que ainda hoje são referência nos movimentos de protestos, contestação e rebeldia contra posições conservadoras.

Quem nos fala um pouco sobre a experiência de Frantz Fanon é o filósofo camaronês Achille Mbembe:

Esquecemo-nos com demasiada frequência que Frantz Fanon pertence a uma geração que passou, por duas ou três vezes, pela provação do desastre e, através da experiência de fim do mundo que toda a catástrofe consigo acarreta, indivisamente, pela provação do mundo. Poderia ter facilmente podido contar-se entre as inúmeras vítimas da segunda guerra mundial em que participou com dezanove [sic] anos de idade; e nunca teria sido questão de *Pele negra, máscaras brancas*, nem d’*Os Condenados da terra*.

Conheceu a colonização, a sua atmosfera sangrenta, a sua estrutura de asilo, o seu quinhão de feridas, os seus modos de arruinar a relação com o corpo, a linguagem e a lei, os seus estados inauditos, a guerra da Argélia. (MBEMBE, 2017, p. 1).

Na obra *Pele negra, máscaras brancas* (1952), citada por Mbembe, o autor desafia os mecanismos de dominação exercidos pelo sistema colonial sobre os povos colonizados, especialmente os povos africanos. Todo o livro poderia ser considerado uma reflexão sobre a relação entre lugar e identidade. Ou, como a perda do lugar e as violências correlatas anulam a condição do sujeito, que se torna então mero objeto diante do outro. No capítulo 5, “A experiência vivida do negro”, Fanon nos leva da ausência total da consciência de si, pela imposição do olhar do outro, à descoberta de si e à consciência da importância da luta de todos os “negros” do mundo. A experiência vivida, ou a psicopatologia do racismo, é importante porque desmonta o esquema corporal diante do racismo, da negação do corpo e da consciência negras, recolocando um negro inteiro diante do outro, até que este outro o reconheça como tal. Retira a máscara branca e oferece ao conhecimento do mundo a pele negra, como sugere Mignolo (2009).

Fanon trata do negro que não se reconhece diante do outro, e que só é reconhecido nessas circunstâncias “como objeto diante de outros objetos” (FANON, 2008, p. 103). Motivo: está “fora de casa”, em uma sociedade colonizada, em uma civilização que lhe foi imposta. Ele não é um ser-para-o-outro, como diz Hegel, porque este outro não o reconhece como sujeito. Para o branco, o negro não tem existência ontológica, ou seja, não existe essencialmente. Não há uma essência do negro que possa se dar a conhecer ao branco, apenas a natureza do branco, de uma civilização que não tem por princípio reconhecer outro que não o branco.

A crítica de Fanon alude ao esquema corporal definido pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, na obra *Fenomenologia da Percepção* (1945), principalmente, e também em outros trabalhos. Para este, o homem é produto tanto da consciência quanto da experiência. Merleau-Ponty é citado por Fanon: para um ser que adquiriu a consciência de si e de seu corpo, que chegou à dialética do sujeito e do objeto, o corpo não é mais a causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto da consciência. (FANON, 2008, p. 186).

Mas, que homem assoma no esquema diante do único olhar que importa para o branco? O homem que emerge “através de mil detalhes, anedotas, relatos” (FANON, 2008, p. 105). Para este homem, “o conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa” (FANON, 2008, p. 105). Uma tripla negação da

consciência do negro colonizado, que não é europeu/americano nem africano, tampouco o negro que o branco insiste em dizer que ele é. Por isso, em vez do esquema corporal, Fanon propõe um esquema epidérmico ou histórico-racial. Este é um homem preto, com um corpo, uma raça e uma história. Daí a existência em triplo.

O negro que chega a um mundo pronto torna-se ele mesmo um objeto. Reconhece-se como tal, diante do olhar do branco. Mas também se identifica com o negro nas Américas, na África, na Argélia (aqui, o problema é o árabe). As referências ouvidas cotidianamente, que destroem o corpo negro, reconstruindo-o conforme estereótipos, não se referem apenas ao negro saído da Martinica, referem-se a todos os não brancos do mundo. O branco se apropria mais uma vez da história. E a história do negro é apenas um estágio da história do branco. A salvação vem novamente pela ancestralidade, o autoconhecimento a partir do conhecimento do sujeito histórico, coletivo, africano e a descoberta de que a civilização negra nada devia à branca.

Sempre em termos de consciência, a consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal. No meu peito nenhuma probabilidade tem lugar. Minha consciência negra não se assume como a falta de algo. Ela é. Ela é aderente a si própria (FANON, 2008, p. 122).

Para alguns, a luta dos negros é apenas um dos polos da relação dialética: a noção de classe subsume a noção de raça. Mas é necessário substituir a consciência como absoluto pela consciência engajada na experiência, de onde brotará o ser negro, vitória da imprevisibilidade contra o devir histórico, determinado e determinista.

Considerações finais

As ruínas de que fala Benjamin, os escombros empilhados ao longo da história como testemunhos da história contada pelos vencidos têm um sentido, aquele que a história apresenta à compreensão humana. A consciência desses fatos é o oposto da perda de capacidade da “experiência forte” (*Erfahrung*). Mas é preciso haver o sujeito da compreensão, aquele que, diante da consciência do curso da história, assumirá uma posição, um lado, diante da barbárie, uma experiência distinta daquela dos historicistas com os “vencedores da história” (*Einfühlung*).

É preciso “nadar contra a correnteza”, não se deixar enganar pelas promessas das conquistas pelo trabalho ou pela exploração da natureza (Tese XI), comprometer-se com o “Agora” (*Jetztzeit*), explodir o tempo contínuo da história contada do ponto de vista dos vencedores. A experiência revolucionária almejada por Benjamin só terá lugar quando o

presente contínuo, o véu sobre os olhos da humanidade, for levantado pela rememoração dos fatos passados, dos fatos iluminados pelo “salto do tigre em direção ao passado” (Tese XIV). O mesmo salto, mas sob o céu livre da história, que “é o salto dialético com que Marx definiu a revolução”.

Em Fanon, essa compreensão é feita *a partir de dentro*, da consciência do ser humano negro para quem é negada a condição humana. A própria condição do *ser negro* é reduzida a escombros pelos colonizadores. Na verdade, tem existência parcial, porque é produto de uma vontade que não a do sujeito que veio a ser considerado negro. É uma existência problemática desde a origem. Fanon descreve um tipo, que à primeira vista se distingue do tipo benjaminiano por ser espécie do gênero tratado por Benjamin – a humanidade – em um determinado momento da história. Mas em ambos o procedimento metodológico – estabelecer uma genealogia (uma fenomenologia?) da opressão – trata do despertar da consciência dos oprimidos para a ação. Tanto em Fanon quanto em Benjamin, analisar o passado com outra lente só tem sentido se isso for transformador no presente.

O problema aqui considerado situa-se na temporalidade. Serão desalienados pretos e brancos que se recusarão enclausurar-se na Torre substancializada do Passado. Por outro lado, para muitos outros pretos, a desalienação nascerá da recusa em aceitar a atualidade como definitiva. (FANON, 2008, p. 187).

Poderíamos utilizar uma imagem segundo a qual em algum momento haverá necessidade de um encontro entre as experiências dos olhares de Fanon e de Benjamin, talvez um dos grandes dilemas atuais no combate ao avanço do conservadorismo, e mesmo do fascismo, e de resto um desafio de sempre da filosofia – e da história. E também, sem aprofundar a análise da referência, analisar um elemento comum a ambos, a vontade de destruir o mundo orientado pela régua dos vencedores e construir o mundo em que não houvesse mais vencedores e vencidos.

Do ponto de vista dos vencidos, seriam necessárias a consciência e a vontade. Algo como aquilo com que se depararam os habitantes da caverna platônica n’A *República*. Em algum momento, a consciência da realidade fora da caverna teria de se somar à vontade de sair da caverna. Não basta apenas ter consciência do mal para ser bom – pressuposto socrático negado por Platão. É preciso *querer* ser bom. Não basta apenas ter consciência da ignorância para agir em nome do bem – ou, numa variante atual, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista. À consciência da história do ponto de vista dos vencidos, dos oprimidos de todos os tempos, deve-se somar uma vontade de ação, com impacto efetivo nas relações sociais.

Benjamin e Fanon traduzem para os contemporâneos uma necessidade de apropriação de experiências passadas e presentes. Em ambos, mais em Benjamin, trata-se, pela rememoração de acontecimentos passados, de encontrar os pontos de apoio no presente histórico que garantirão a superação das relações de opressão desde tempos imemoriais na história da humanidade.

Se para Benjamin o período anterior à Segunda Guerra já apresentava os sinais do colapso de uma civilização que, mesmo assim, continuava a gravitar em torno das ideias de progresso pelo avanço da técnica, em Fanon são justamente as consequências do conflito que constituirão o ambiente da crítica filosófica e política ao sistema em ruínas.

Em ambos, as armas do combate não são as mesmas dos opressores. Se Benjamin faz referência à coragem, ao humor, à astúcia e à tenacidade (Tese IV), em Fanon os elementos subjetivos, culturais, históricos serão a base para a construção de uma nova epistemologia dos sujeitos, para dar conta da necessidade de descolonização epistemológica.

No caso específico de que se ocupa este artigo, a empatia ou identificação afetiva que em Benjamin propiciará a construção de uma resistência coletiva ao opressor, pela identificação de classe, em Fanon se dará pelo reconhecimento de um elemento de classe associado ao elemento epidérmico ou histórico-racial. Identificado este, escolhido o lado na luta contra o opressor, será possível incorporar não brancos e brancos oprimidos à luta contra a opressão. “Sou um homem, e é todo o passado do mundo que devo recuperar” (FANON, 2008, p. 187).

A provação do fascismo que levou Benjamin ao suicídio foi vivida por Fanon associada ao colonialismo e ao contato avassalador com a França metropolitana onde foi estudar e onde provou com intensidade o sabor amargo do racismo. São *as três clínicas do real* de que fala Mbembe, molde da experiência vivida de Fanon. O mergulho na arquitetura da destruição do negro, ou melhor, do não branco, é outra forma de enfrentar a problemática da barbárie para cuja aparição Benjamin lançou insistentes alertas. Não com relação ao que se aproximava, mas com relação a uma rotina que se desdobra desde sempre, com as mesmas vítimas, e os mesmos privilégios.

E aí se podem inverter cronologicamente as abordagens de Fanon e Benjamin. Como se o universo trabalhado por Fanon fosse sim um extrato do que historicamente tem se sucedido: o cortejo dos vencedores soterrando as ruínas de uma civilização decadente, mas orgulhosa de seus feitos. O recorte de Fanon nos horroriza, pela extensão e proximidade no tempo. Mas não é uma novidade, em termos históricos. Para usar a terminologia de Benjamin,

é o “estado de exceção” que novamente se faz passar por algo excepcional, algo que só parece fugir à regra, mas que é permanente.

Nestes tempos sombrios, em que a velocidade dos fatos narrados traduz não apenas superficialidade, mas também engodo, sempre em favor dos mesmos privilegiados, para a eternização dos privilégios, mais uma vez Fanon e Benjamin nos convidam a agir contra a regra que determina a vitória do opressor.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BARRENTO, João. Walter Benjamin, **O Anjo da História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. Experiência e pobreza. In: BARRENTO, João. Walter Benjamin, **O Anjo da História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. Experiência e pobreza. **Obras escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política**. 6a ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 115.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

LÖWY, Michel. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. Trad. de Wanda Nogueira. São Paulo: Boitempo, 2005.

MBEMBE, Achile. **A universalidade de Frantz Fanon**. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2297191/mod_resource/content/1/MBEMBE%2C%20Achille.%20E2%80%9CA%20universalidade%20de%20Frantz%20Fanon%E2%80%9D.pdf. Acessado em: 18 Ago 2017.

MIGNOLO, Walter D. Frantz Fanon y la opción decolonial el conocimiento y lo político. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.